

APRESENTAÇÃO, por Júlio Amorim de Carvalho, da obra de AMORIM DE CARVALHO *DOS TROVADORES AO ORFEU*, no auditório da Feira do Livro, no Porto, em 12 de junho de 2012, a partir das 17h30m; seguida de perguntas da assistência (a quem o apresentador respondeu) e venda de exemplares da obra exposta. Conclusão da sessão: 18h20m.
[Organização das EDIÇÕES ECOPY]

Apenas algumas palavras de apresentação da obra de Amorim de Carvalho intitulada: *Dos Trovadores ao Orfeu – Contribuição para o estudo do maneirismo na poesia portuguesa*.

*

Como administrador da Casa Amorim de Carvalho e, conseqüentemente, como responsável, que fui, pela organização dessa obra inédita, – quero, antes de mais, agradecer ao editor portuense ECOPY, e aos seus representantes (nas pessoas do Dr. Carlos Carvalho e sua colaboradora Dr.^a Sónia Macedo), – quero agradecer o manifesto interesse que demonstraram pela edição – edição de excelente aspecto – pela edição da obra *Dos Trovadores ao Orfeu* – obra que tinha não poucas dificuldades gráficas, mas que foram impecavelmente resolvidas pelo editor.

Aí ficam os meus públicos agradecimentos.

*

Ora, estes agradecimentos justificam-se até – em contraponto –, pela vida **atormentada** que outros editores privados e instituições públicas tinham anteriormente infligido ao notável inédito de Amorim de Carvalho *Dos Trovadores ao Orfeu*, – quando esta obra lhes fôra proposta para publicação.

Essa via dolorosa pela qual teve de caminhar o manuscrito amoriniano, ficou descrita numa extensa **Nota Explicativa**, da minha autoria, que abre o livro que apresento.

*

Não há uma única obra, um único estudo de Amorim de Carvalho – tanto na criação poética como na teoria da estética ou no pensamento filosófico – não há uma única obra de Amorim de Carvalho que não comporte ideias, teses e teorias vincadamente originais – originais e, bem entendido, consistentes, isto é, perfeitamente fundamentadas, e sempre (no pensamento estético e filosófico) com a preocupação por atingir a máxima objectividade – desmarcando-se Amorim de Carvalho do que habitualmente se afirma nos meios literários e filosóficos.

Esta sua obra – *Dos trovadores ao Orfeu*, – sobre o maneirismo na poesia portuguesa – também não foge à regra.

*

Logo na **Introdução**, Amorim de Carvalho analisa exaustivamente os conceitos de barroco, de rocóco, e de maneirismo, – critica as opiniões dos literatos que por esse assunto se interessaram, – e formula (com as necessárias justificações), – e formula (dizia eu) as suas próprias definições daqueles conceitos – não exitando em utilizar diagramas para explicitar o seu pensamento, e com a intenção de ser o mais objectivo possível.

(Note-se que o livro *Dos Trovadores ao Orfeu* tem 13 diagramas e quadros que ajudam a entender a exposição de Amorim de Carvalho, ao longo das 480 págs. da obra).

*

Depois da Introdução, – seguem-se 7 extensos capítulos que abarcam (– como o título indica: – *Dos Trovadores ao Orfeu* –), vasto panorama da poesia portuguesa.

Não se trata de uma **história da poesia** – no sentido corrente da expressão:

Trata-se do «estudo das **promoções maneiristas** na poesia portuguesa».

*

No **Capítulo 1.º** da obra que apresento, Amorim de Carvalho (que, como se sabe, foi o mais lúcido e inovante estudioso da rítmica na poesia medieval) – Amorim, agora, em *Dos Trovadores ao Orfeu*, aborda outros aspectos da poesia medieva.

Ele põe, magistralmente, em evidência, as expressões formais, as formas maneiristas que fazem das cantigas de amigo, verdadeiras filigranas verbais.

E Amorim – muito conhecedor, aliás, dos idiomas e dialectos neo-latinos medievais, inclusive nas suas formas poéticas – Amorim explica longamente, neste 1.º capítulo, o **resultado da recíproca influência** entre o maneirismo formal das cantigas de amigo e o maneirismo de pensamento importado (de origem ultra-pirenaica): e ao resultado (dessa recíproca influência) o autor chama-lhe de **hibridação poética** que ele – neste caso preciso – desvaloriza esteticamente.

*

O 2.º Capítulo – sobre **O maneirismo na poesia palaciana até ao barroco de Seiscentos**, – diz respeito, portanto, a extenso tracto da nossa história literária.

Não podemos evocar, aqui, toda a problemática exposta por Amorim de Carvalho em 76 páginas de mancha larga: → **ora** contestando as teses que tendem a filiar factos semelhantes só porque uns sucedem aos outros no tempo, sem se ter em conta condições psico-sociais análogas; **ora** traçando as linhas de força, sobretudo ideológicas, da nossa poesia no período considerado (do Quatrocentos ao barroco de Seiscentos); **ora**, e sobretudo, estudando aprofundadamente os fundamentos lógicos da simbolização até aos casos complexos das simbolizações narrativas ou dramatizadas.

É claro que, neste Capítulo (que, como se disse, vai até ao barroco de Seiscentos), Amorim explica numa interpretação muito sua e bem fundamentada – desmarcando-se das opiniões feitas – Amorim explica (dizia eu) a significação do chamado gongorismo enquadrando-o no processo de criação poética que vinha do chamado classicismo renascentista. É que este classicismo renascentista coincidiu com o aparecimento de poetas de grande altura – o que determinou um alargamento da temática e, portanto, do pensamento poético (naturalmente anti-maneirista). E os poetas menores foram levados à imitação sem originalidade ou, então, à **fácil solução para a originalidade que é o maneirismo** – promovendo ao primeiro plano os valores que, no esteticismo quinhentista, eram secundários e marginais – valores secundários e marginais meticulosamente estudados por Amorim de Carvalho.

Sem sair deste cap. 2.º, eu gostaria de fazer ressaltar a retomada, por Amorim de Carvalho, de uma curiosa e antiga tese que (apesar de não ter relação directa com os problemas maneiristas) foi incluída por Amorim, com incontestável relêvo, na parte relativa ao quinhentismo. Trata-se da tese de que Camões começou por conceber e realizar os

Lusíadas como mera história de Portugal onde os acontecimentos eram narrados por ordem cronológica. Foi este o seu 1.º plano (que deixou vestígios na forma definitiva do poema). Só depois de Camões ter concluído o poema na 1.ª forma, é que o alterou, colocando a viagem de Vasco da Gama em evidência.

Amorim chega a essa conclusão pela análise meticolosa do texto poético e pelo estudo atento do posicionamento, no poema, de muitas das suas estrofes.

Esta antiga tese amoriniana, sustentada sobre severa e extensa argumentação, vem agora, completada, reforçada, revigorada.

O prof. Hernâni Cidade, interessado, ou perturbado, pelas razões de Amorim de Carvalho, fizera-lhes extensa referência no seu livro *Camões, o Épico*.

Mas o problema da alteração do plano dos *Lusíadas*, pelo poeta seu autor, ficou, parece, definitivamente resolvido com este estudo de Amorim de Carvalho.

*

Sobre a **Reacção anti-maneirista no classicismo arcádico do séc. 18** (que é o Capítulo 3.º), – Amorim de Carvalho escreveu 40 páginas interessantíssimas, traçando novas perspectivas para a compreensão objectiva do nosso romantismo – que ele considera pobre pela falta de **verdadeiros génios promotores**, – falta que já vinha do arcadismo. «Faltaram ao arcadismo – diz Amorim de Carvalho – e faltaram ao processo de passagem do arcadismo ao romantismo, poetas verdadeiramente de génio promotor». Nem Bocage, nem Garrett o foram.

*

É tal a riqueza dos temas e das perspectivas, e a forte originalidade das teses sustentadas, no Capítulo seguinte – o 4.º – **Do romantismo e do caso de Castilho à Escola de Coimbra** – que me é praticamente impossível resumir airoso, em poucas palavras, estas 45 páginas densas e ao mesmo tempo cheias de transcrições (– abundância de transcrições que caracteriza, aliás, toda esta obra, que estou apresentando).

Há aí, nesse capítulo do romantismo, duas ideias (ou melhor: dois sistemas de ideias) para os quais eu quero chamar a atenção: o 1.º, é a valorização da poesia de Castilho (que Amorim não valorizara, e talvez mesmo depreciara, no estudo definitivo, incontornável, sobre Junqueiro, que publicou em 1945); e o 2.º sistema de ideias, são as considerações sobre o alargamento temático (que já vem, precisamente, de Castilho) – alargamento temático anti-maneirista da Escola de Coimbra «na acepção larga – escreve Amorim – com que propus a designação de **nomia estética**», «assinalando» assim «uma incontestável seriedade (e altura) do pensamento poético».

Foi essa **nomia estética** {expliquei aqui, em complemento a esta dissertação, o significado do neologismo **nomia** (de **nomos**, do grego, lei, regra, princípio de realização com uma conotação valorativa, tética, que dá significação ao Real); na filosofia amoriniana, o neologismo é, efectivamente, alargado a diversos domínios do conhecimento, e à própria realidade em geral, utilizando, aliás, Amorim a expressão **mononomia** na sua interpretação dialéctica do Real: dialéctica **mononómica**, com um único princípio, por oposição às dialécticas dualistas, a mais conhecida das quais é a hegeliana; Amorim de Carvalho tem sua terminologia própria e, muito legitimamente, forja os seus neologismos, para significar novos conceitos – assim como outros filósofos o fizeram: Leibnitz, com a **mónada**, Comte com **sociologia**, etc.; quando um facto é aberrante, quando não tem significação no processo valorizante do Real, estamos em presença duma **anomia** (por exemplo, estética, com o modernismo presencista, etc. Seria interessante relacionar **anomia** com o conceito amoriniano

de **coisificação**)} Foi essa **nomia estética** [que impediu formalismos e conceptismos que conduzissem a maneirismos empobrecedores do estético] – foi essa **nomia estética** que se manifestou superiormente na grande poesia de pensamento de expressão portuguesa que vem de Luís de Camões e, pela Escola de Coimbra (com Antero de Quental e Guerra Junqueiro), se prolonga em Teixeira de Pascoaes e Amorim de Carvalho.

*

[Abro, aqui, um parêntesis, que me parece oportuno.

Em Portugal tem-se, com obstinação, rejeitado ou ignorado as teses amorinianas e as perspectivas estéticas que acabámos de indicar.

De França, por exemplo, o Prof. Georges Le Gentil, lusitanista notável, já nos anos 40 (já nos anos 40!) escrevia a Amorim de Carvalho, relacionando as orientações estéticas da Escola de Coimbra com as do modernismo, – relacionando essas divergentes orientações através, de modo bem explícito, através da **obra poética amoriniana**. Dizia Georges Le Gentil (eu traduzo literalmente): «As suas [suas, de Amorim de Carvalho, pois Georges Le Gentil dirige-se a Amorim de Carvalho], as suas poesias parecem-me marcar uma reacção necessária contra o **subjectivismo estreito** [aqui está a **anomia** estética], o subjectivismo estreito da escola modernista. Graças a si [isto é, graças a Amorim de Carvalho], nós reatamos com a **inspiração largamente humana** [aqui está a **nomia** estética], a inspiração largamente humana que garante o sucesso permanente da Escola de Coimbra».

Fecho aqui o parêntesis].

*

Pode dizer-se, sem medo de errar, que o grande especialista e teórico do simbolismo tem sido, em Portugal, Amorim de Carvalho. Basta consultar o estudo exaustivo a que Amorim deu o título de *Guerra Junqueiro e a sua Obra poética*. Este estudo foi publicado em 1945, como já referi.

Não é, pois, por acaso que a obra *Dos Trovadores ao Orfeu* compreende dois capítulos que tratam, desenvolvidamente, do assunto (são os caps. 5.º e 6.º).

O Cap. 5.º aborda unicamente o **Simbolismo francês** (que farta influência exerceu em Portugal), e o 6.º estuda o **Simbolismo na poesia portuguesa**, e o seu sub-título é (eu cito *ipsis verbis*): **Eugénio de Castro, Guerra Junqueiro e outros poetas até à Renascença Portuguesa**: são 130 páginas recheadas de teses próprias, cuja originalidade, em Amorim, vem de longe, vem dos seus estudos publicados nos anos 40 do século passado. Tudo, tudo em oposição às afirmações inconsequentes, e propaladas no meio português avêso ao pensamento objectivo, à reflexão escrupulosa. Aliás, Amorim abre o cap. sobre **O Simbolismo português** com estas palavras: Os críticos e historiadores portugueses mostraram dificuldades excessivas em definir um simbolismo, etc. E – diz ainda Amorim – em França, as dificuldades foram também manifestas.

Ora Amorim de Carvalho fez o primeiro estudo que, em Portugal, penetrava a essência mesma do simbolismo, – e certamente que os seus estudos neste domínio são determinantes para a compreensão do simbolismo francês – domínio onde Amorim está perfeitamente à vontade.

Não deixaremos de chamar a atenção para a distinção que, Amorim de Carvalho faz (ao estudar intensivamente o simbolismo francês) entre **simbolização usada desde sempre** e **simbolização-estado de alma**, isto é: o próprio poema, e todo o poema, é que simbolizará um estado de alma: e é aqui que está o **simbolismo-escola**. E Amorim destaca duas linhas

simbolistas: a de Verlaine e a de Mallarmé – valorizando a de Verlaine, como resultado de um estudo aprofundado e muito original dos dois poetas franceses.

O **Cap. 6.º** trata (como se disse) do **simbolismo em Portugal**, tema já abordado, há muitas dezenas de anos, por Amorim de Carvalho. – Amorim, numa análise extensa a toda esta época literária portuguesa, vai argumentando escrupulosamente, exemplificando abundantemente, com transcrições extensas, e pondo em confronto, como fez com Mallarmé e Verlaine, duas linhas poéticas simbolistas: a de Junqueiro e a de Eugénio de Castro.

Tudo isto é uma novidade do pensamento amoriniano.

Junqueiro – diz Amorim – recebe o simbolismo, mas não se demora nele. O simbolismo integra-se, por um momento, numa continuidade de processo estético e poético que o excede. Eugénio de Castro vai para o simbolismo numa mutação brusca, por voluntário desejo do moderno pelo moderno, Eugénio de Castro «traz a vestimenta sensacionista dos decadentes» estrangeiros.

Deixando à parte (eu ia a dizer: marginalizado) Eugénio de Castro, – entre Junqueiro e Pascoaes –, Amorim considera Pascoaes como um poeta que soube conciliar a experiência simbolista e refez a sua poesia na continuação da Escola de Coimbra, como já dissemos. Pascoaes é o verdadeiro génio promotor que «domina todo esse processo estético»: processo estético que é o prolongamento (para além de e pairando sobre o modernismo do Orfeu e da Presença) – que é o prolongamento (dizia eu) da Escola de Coimbra – prolongamento continuado (como diria o prof. Georges Le Gentil) na poesia amoriniana.

Ora todas essas teses de Amorim de Carvalho – desde há longa data por ele sustentadas, são por ele retomadas e renovadas agora em *Dos Trovadores ao Orfeu*, com lúcida e mais vigorosa argumentação marcada com o sêlo da mais profunda originalidade.

*

O **Cap. 7.º**, **Do simbolismo ao maneirismo de Orfeu** (Sub-título: **Fernando Pessoa**), é, talvez, o capítulo que mais surpreenderá o leitor, pelas ideias (não direi completamente novas em Amorim de Carvalho, pois Amorim de Carvalho, desde os anos 30 que vem sustentando as teses aí expostas) – mas, se não direi inteiramente novas, direi: teses confortadas e desenvolvidas agora, com uma incontestável genialidade.

O seu espírito, preparado para a meticolosa análise aliada à capacidade para as largas sínteses – permitiram-lhe abordar com uma maestria única, na teoria da estética, este período literário português – posicionando-se contra as ideias feitas e os lugares comuns. Amorim desmarca-se absolutamente das afirmações propaladas pela incapacidade crítica do modernismo, e da crítica impressionista – como ele dizia.

Neste capítulo, Amorim analisa atentamente a obra de Pessoa. E conclui, contra todas as banalidades sustentadas habitualmente pelas oficinas da propaganda literária, – – conclui afirmando que o que há de mais original em Pessoa é o **Guardador de Rebanhos** – que é o mais original poema extenso de Pessoa –, mas que de modo algum atinge a altura da poesia de Junqueiro (nomeadamente a **Pátria**), nem alcança a altura do **Regresso ao Paraíso** de Pascoaes. O que Pessoa traz à poesia portuguesa, são as modernidades já conhecidas fora do país (por exemplo, Cendrars, por exemplo Apollinaire, por exemplo Whitmann – os quais, nesta obra de Amorim de Carvalho, são citados e transcritos abundantemente para estabelecer os necessários confrontos com Pessoa e mostrar – e demonstrar – as influências deles – e de outros também citados, – em Pessoa). E o que Pessoa tem de novo, é «artificial e postiço».

Neste capítulo se encontra, pois, uma extensa exposição de razões escrupulosamente dadas – ao longo de 85 páginas largas.

Há em Fernando Pessoa – no Pessoa-poeta – há ao lado de belas composições, sem dúvida, – o mesmo histrionismo que Amorim de Carvalho, já há muito (no estupendo prólogo

ao seu livro *Deus e o Homem na Poesia e na Filosofia*) – há o mesmo histrionismo que Amorim já denunciara no Fernando Pessoa-historiador ou crítico literário ou como se lhe queira chamar.

*

Obra inacabada por motivo de doença e morte a curto prazo do Autor, o volume *Dos Trovadores ao Orfeu* ainda inclui algumas notas para um Cap. 8.º que estudaria – como disse Amorim de Carvalho – que estudaria de forma inteiramente nova a poesia de Sá-Carneiro, – prolongando-se este estudo até à criação poética de Alfredo Guisado {mas quem conhece hoje Alfredo Guisado?, interpelei eu, à margem desta preleção, a assistência} (poeta, ainda do Orfeu, completamente esquecido dos literatos mundanamente consagrados).

*

Amorim preparava também uma extensa conclusão para a obra que estamos a apresentar – conclusão que ficou, infelizmente, reduzida a um gráfico – mas excelente gráfico a que ele deu o título de **Curva da poesia portuguesa do ponto de vista do maneirismo** – e que foi fielmente reproduzido no volume agora editado.

*

Que tese geral se pode extrair do conjunto da obra *Dos Trovadores ao Orfeu*?

Esta:

1.º) Que os diversos casos de maneirismo ao longo da história, não são mais do que o mesmo processo, repetindo-se: são a promoção estética de valores secundários ao primeiro plano.

2.º) Que há uma relação entre maneirismo e limitação temática – o que significa que o alargamento dos temas se opõe ao maneirismo. E significa ainda e sobretudo que a promoção da ideia superiormente tratada, que o pensamento superiormente formulado, – se opõem às formas maneiristas.

Porque a poesia, também é **ideia e pensamento** – Pensamento e Ideia em **idealidade**.

*

Está feita a apresentação de uma obra onde todos os aspectos literários estudados, o foram com altura de vistas, em pensamento escrupuloso e extrema originalidade.

Nem outra coisa se poderia esperar de uma obra da autoria de Amorim de Carvalho...

Lopes d'Oliveira, em carta datada de 5 de maio de 1962 (que eu citei nas achegas para uma biografia de Amorim de Carvalho), – carta endereçada à filha de Guerra Junqueiro, dizia-lhe: Amorim de Carvalho «é, entre nós, um escritor de extraordinários dotes, e sem dúvida o de **maior envergadura crítica**». «Como sempre, [Amorim de Carvalho] demonstra a sua força dialéctica».

E o professor José Domínguez Caparrós, da Universidade de Madrid, num dos seus recentes livros, escreve (eu traduzo, palavra por palavra): «A originalidade» de Amorim de Carvalho «procede de duas qualidades que sem dúvida terão que ver com a personalidade do autor: uma sólida formação filosófica e uma vivência da estética literária».

A obra *Dos Trovadores ao Orfeu* – editada agora pela ECOPIY – é mais um exemplo disso mesmo.

Termini.